



**casadesarmento**

centro de estudos do património

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **JOÃO DE MEIRA. UMA PÁGINA DE MEMÓRIAS.**

COSTA, Joaquim

Ano: 1921 | Número: 31

---

### **Como citar este documento:**

COSTA, Joaquim, João de Meira. Uma página de memórias. *Revista de Guimarães*, 31 (3) Jul.-Set. 1921, p. 153-157.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## JOÃO DE MEYRA

---

### UMA PÁGINA DE MEMÓRIAS.

---

Às vezes, pergunto a mim próprio por que estranho capricho da sensibilidade conseguimos habituarnos a certas fatalidades brutais e aceitamos, com tanta facilidade, o irremediável.

Os anos passam, os cabelos embranquecem, as desilusões acumulam-se na alma, e as memórias amadas dos companheiros mortos vêm ter connosco, numa ronda enternecida de saúdades. Decerto, a própria ideia da morte acaba por se nos tornar familiar. Vivem ao nosso lado, quási na mesma expressão com que os conhecemos, os que se envolveram nos nossos combates, os que se entusiasmaram com as nossas irreverências e acompanharam de perto as nossas loucuras da mocidade. Recordamos as suas frementes exaltações, os livros que recitávamos e criticávamos juntos, as obras que planeámos, e até os jornais e as revistas efémeras em que escrevemos.

E como tudo isso vai longe!... Em poucos anos, refaz-se inteiramente a face do mundo; as ideias sucedem às ideias; os homens contradizem os homens; as revoluções, que, por vezes, parecem ciclones sociais, só não alteram fundamentalmente o que há de muito íntimo e de muito delicado no coração.

A vida de João de Meyra, evocada por mim neste momento, é uma lembrança bem amarga e bem dolorosa; mas é, ao mesmo tempo, uma consolação estranha. Foi sempre um rapaz admiravelmente generoso.

Não conheci ninguém que tivesse, num grau mais elevado, a paixão e a dignidade do espírito. Vivia em permanência na febre e no entusiasmo das ideas. Artista de raça, a literatura absorveu-o quasi absolutamente; mas, por uma contradição que só o seu grande talento podia explicar, foi também um homem de sciência.

Quando o conheci, era ainda estudante nos primeiros anos da Politécnica do Pôrto. Tinha vindo de Guimarães com uma mala cheia de livros, e foi instalar-se numa república de solteirões veneráveis, na rua dos Mártires da Liberdade. Tinha, já nesse tempo, fama de muito intelligente, e coleccionava com fervor exemplares de edições raras de Camilo Castelo-Branco. E não o fazia exclusivamente por interêsse de bibliófilo, mas também porque a obra do romancista glorioso do *Amor de Perdição* lhe mereceu sempre uma análise muito atenta e cuidadosa. Entre os poetas, admirava profundamente Antero de Quental.

Isto passava-se, talvez, há vinte e cinco anos. Nós tínhamos formado, com meia dúzia de rapazes do nosso tempo, um cenáculo muito curioso; mas, como vivíamos um pouco à lei da natureza e detestávamos a convenção e a regra, ignorávamos sequer a sede desse centro estranho de espiritualidade e de irreverência.

Quando reunimos, uma noite, em casa de Paulo Osório, para assentar na publicação duma revista e na escolha do mobiliário, surgiram as divergências, que o pobre João de Meyra removeu prontamente à gargalhada; e partimos, uma noite, para o *Camanho*. E, em volta duma chícara de café, fazíamos as *blagues* mais transcendentés; criticávamos os últimos livros aparecidos; envolvíamos-nos em discussões tremendas, que alarmavam o proprietário do pacato estabelecimento.

A's vezes, as mesas de mármore enchiam-se de caricaturas e de versos irreverentes. Uma bela noite, intimaram-nos mandado de despejo, e fomos assentar arraias no *Suisso*, que, a êsse tempo, ainda se não havia democratizado.

O Meyra percorria os alfarrabistas à procura de livros interessantes e raros; e, todos os dias, nos comunicava algum achado precioso. Lia tudo febrilmen-

te. Às vezes, à cabeceira da sua cama, entre os compêndios de química, de botânica ou de zoologia, — cadeiras que então freqüentava, — havia volumes em prosa e verso, romances de Zola e de Daudet, de Goncourt, de Flaubert e de d'Annunzio, de mistura com ensaios de economia social, que, então, profundamente o interessavam.

Éramos, quasi todos, teòricamente revolucionários; e, um dia, resolvemos atroar a cidade de Guimarães, na sua pacatez provinciana, com um panfleto formidável, *A Parvónia*.

A mocidade tem, às vezes, dêstes estouvamentos. Aqui me penitencio dos versos extravagantes que publiquei com entusiasmo, no minúsculo jornal. Foi apenas um momento de exaltação efémera. A gazeta incomodou algumas pessoas timoratas; e o Meyra, que era fundamentalmente bom, resolveu pôr termo à campanha. E assim findou a nossa quixotesca escaramuça.

Eu parti para Coimbra, decidido a formar-me em Direito; êle foi para a Politécnica de Lisboa, vêr se os manes da química orgânica se lhe não mostravam tam adversos. Foi uma estada breve, de um ano apenas, e voltou, para freqüentar a Escola Médica do Pôrto.

Através do seu curso, a literatura entusiasmou-o sempre. Ia quasi jurar que os seus compêndios escolares adormeceram muitas vezes; mas o talento e a capacidade formidável de trabalho de João de Meyra removiam tôdas as diificuldades. Lia e anotava um romance de Zola, numa noite. Imitava os versos de Antero, de Cesário Verde, de Gomes Leal, de Junqueiro e de António Nobre, e redigia trechos admiráveis, dum recorte de forma incomparável, à semelhança de Camilo e Eça de Queiroz.

Pela análise comparativa dos textos, surpreendeu imitações flagrantes, quasi decalques, que estabeleciam filiações curiosas na prosa de alguns dos nossos maiores escritores. Foi assim que pôde constatar várias influências estrangeiras nos livros do autor da *Reliquia*, que, mais tarde, arquivou num folheto muito interessante e raro.

Ao mesmo tempo, lançava-se na luta política, e travava campanhas veementes em uma fôlha de Guima-

rães. Raras vezes, o jornalismo provinciano teve ao seu serviço uma pena tam culta e tam requintadamente literária. Era soberbo no arranque, correctíssimo nos processos de combate, leal e generoso, até mesmo com os seus mais intransigentes adversários. Num meio mais largo, as suas campanhas não podiam deixar de produzir um successo colossal; nas páginas apagadas duma gazeta de provincia passaram, numa fulguração surpreendente de talento. E é pena que se tivessem perdido. Mostravam uma vocação de combatente precoce e impunham-se pelo seu invulgar recorte literário.

Mas João de Meyra não teve apenas os ensaios ligeiros e superficiaes dum improvisador da imprensa. Escreveu algumas dezenas de versos, duma factura requintada e estranha, que serviriam, quando publicados em volume, para documentar um temperamento muito nobre de artista e um voo lírico, cheio de idealidade e de comocão.

Mas nem só na arte êle teve admiráveis afirmações de talento. A sua monographia scientifica sobre *O Concelho de Guimarães*, que foi a sua tese inaugural, é simultaneamente um notável estudo de história, de investigação clínica, de ethnographia, de demographia e de crítica, realizado com um escrupulo e um saber, que verdadeiramente surpreendem na sua idade.

Depois, as suas obrigações profissionais levaram-no a tentar outro género de estudos, como o *Parto Cesareo*, que eu não praticarei o sacrilégio de apreciar aqui, por ser inteiramente estranho à índole dêste escrito e me falharem também os conhecimentos especiais para o julgar. Basta que se lembre que foi êsse trabalho que lhe abriu as portas da Escola Médica do Pôrto, onde foi um professor muito illustre.

Mas João de Meyra não teve, infelizmente, tempo para realizar uma obra cheia de unidade, em que as suas grandes faculdades se mostrassem. Morreu muito novo, quando o seu espirito parecia começar a orientar-se definitivamente na história da Medicina, em que escreveu páginas valiosas de investigação, que bem mostravam até onde podia chegar a sua curiosidade intellectual, auxiliada pela erudição mais extraordinária e mais invulgar.

Poucas vezes, como no seu caso, se terão reunido no cérebro dum homem os conhecimentos e as aptidões, aparentemente mais antagônicos. Ia quasi dizer que o literato e o professor reciprocamente se contrariavam. Mas a sua passagem pela cátedra assinalou uma individualidade marcante e deu a medida da sua alevantada probidade scientifica. Se o depoimento dos seus contemporâneos não bastasse, era, com certeza, sufficiente o número avultado de estudos que deixou, dispersos em revistas de medicina, sobretudo na especialidade da história, a que, no fim da vida, se consagrou.

Mas João de Meyra, mais do que um médico e um professor, foi essencialmente um poeta. E tenho pena, tenho infinita pena de que ainda se não encontrem coligidos em volume os versos que deixou inéditos ou espalhados, ao acaso, por tôdas as publicações em que colaborou.

Quando isso se fizer, o nome do meu querido companheiro reviverá na devoção enternecida das almas que amam a beleza, e, de novo, sôbre o nosso passado distante, há-de cair serenamente uma luz muito pura, como se o seu espírito voltasse para junto de nós, a animar, outra vez, as nossas conversas e a participar do ardor dos nossos entusiasmos. Esse livro será, de algum modo, o breviário da nossa mocidade, e havemos de lê-lo fervorosamente, com sentida admiração, por entre uma névoa de lágrimas.

JOAQUIM COSTA.